

SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL
ENCYCLOPÉDIE
DE LA PAROLE
SUITE N.º3 'EUROPE'

9 E 10 FEV

2018



© ROLAND VERANT

JORIS LACOSTE
PIERRE-YVES MACÉ

CONVERSA COM A EQUIPA ARTÍSTICA APÓS O ESPETÁCULO: 9 FEVEREIRO
CANTADO NAS VÁRIAS LÍNGUAS DA UNIÃO EUROPEIA E LEGENDADO EM PORTUGUÊS



MESSAGE DU MINISTÈRE DE L'INTERIEUR
DE L'ÉTAT FRANÇAIS

Paris, 2018

Dès que vous êtes en sécurité,
alertez les forces de l'ordre en appelant le 17 ou le 112.

O dever de ouvir o outro

Desde 2007 que um grupo de músicos, poetas, encenadores, realizadores, artistas visuais, atores, sociolinguistas e curadores coleciona todo o tipo de gravações de palavras ditas. O projeto *Encyclopédie de la Parole* tem reunido, num site, esses registos sonoros, indexando-os de acordo com as suas propriedades (cadência, ênfase, melodia...). A coleção conta já com cerca de 800 documentos de som – e é a partir deles que têm sido criadas peças sonoras, performances e espetáculos, conferências, jogos e exposições.

Em 2013, a *Encyclopédie de la Parole* deu início a um ciclo de “suites corais”, sempre baseadas

no mesmo princípio: a reprodução ao vivo de documentos tirados da coleção áudio. *Suite N°1*, concebido e dirigido por Joris Lacoste, foi um ABC do discurso, juntando nove línguas, 22 atores e um maestro. Dois anos depois, estreou *Suite N°2*, sobre a palavra-ação, com um quinteto de performers, sob a direção de Joris Lacoste (encenação) e Pierre-Yves Macé (música). Agora chega *Suite N°3* (peça de 2017), da mesma dupla de criadores: um recital de palavras que preferiríamos não ouvir, interpretado por dois cantores e um pianista, nas 24 línguas da União Europeia.

Porque decidiram trabalhar com palavras desconfortáveis nesta *Suite N°3*?

Joris Lacoste *Suite N°2* orquestrava palavras-ações, palavras que “faziam alguma coisa” e, desta vez, quisemos olhar para os efeitos que as palavras têm sobre nós, em particular os efeitos negativos, indesejados ou ambivalentes. Certos extratos de *Suite N°2* puseram-nos problemas difíceis de representação: lembro-me de um discurso de propaganda jihadista que me pareceu essencial no espetáculo, mas para o qual foi muito complicado encontrar uma distância adequada. Tive vontade de seguir nessa direção: procurar os meios para fazer ouvir as palavras que são difíceis de escutar é, a priori, mais complexo e mais excitante do que pôr em música palavras nobres ou propícias à identificação. Preferimos seguir por esse caminho que nos põe o dedo na ferida.

Qual é o papel da música no espetáculo?

JL Tínhamos o desejo de fazer um espetáculo onde as palavras seriam acompanhadas por um piano, no dispositivo clássico do recital. Pôr essas palavras em música pareceu-nos que poderia ser um desafio artístico interessante, mais do que trabalhar apenas com as palavras difíceis de ouvir. Será que a música pode permitir-nos neutralizar, conjurar momentaneamente, a violência de certas palavras e deslocar o olhar que temos sobre elas? De as ouvir de outra forma? De compreender como elas funcionam? De as manter à distância? De as exorcizar?

Pierre-Yves Macé *Suite N°3* é musical e teatral. A música não é subjugada à dramaturgia, antes existe como elemento autónomo. Tal como nas outras suites da *Encyclopédie de la Parole*, todo o material dito é baseado em documentos sonoros que são reproduzidos pelos performers – mas, desta vez, fomos mais longe na dimensão musical do discurso. Logo que o Joris Lacoste e eu escolhemos um documento, a minha primeira tarefa foi transcrever as suas melodias e ritmos numa música adequada aos cantores. Depois, compus trechos de piano para esses discursos. O objetivo era dar à palavra a forma de canção, para a fazer parecer uma peça musical *per se*.

Tentou ir atrás do sentido das palavras ou, pelo contrário, contrariá-lo?

PYM Todo o material musical é original, por isso o importante aqui foram as estratégias de composição. Num nível formal, a música tocada pelo piano deriva das melodias do discurso, mas não as segue simplesmente ou reproduz. O piano enriquece os discursos com harmonias, cores, motivos rítmicos, ritornellos curtos, contracantos... Cada documento põe em destaque um aspeto diferente da relação entre o piano e as vozes, sendo o âmago dessa relação o conflito entre a irregularidade do discurso como um fenómeno sonoro (sobretudo imprevisível) e a regularidade dos vários idiomas musicais que aparecem aqui e ali (bossa nova, valsa, canção pop...). A música não ilustra o sentido das palavras, mas claro que existem momentos em que ela atua como um comentário irónico do que está a ser dito. Por exemplo, um discurso político pode ser transformado numa canção de funeral ou um duro sermão antissemita numa música de cabaret. No documento sueco, uma entrevista de emprego, o piano começa a falar e a música torna-se uma linguagem ela própria.

Juntas, estas palavras podem fazer o retrato da Europa hoje?

JL Escolhemos manter-nos na Europa nesta *Suite N°3*, primeiro, porque o dispositivo do recital piano/vozes é eminentemente europeu. Por outro lado, as 24 línguas oficiais da União Europeia ofereceram-nos um constrangimento objetivo para a escolha das línguas do espetáculo e forçaram-nos a ir ouvir coisas em estónio, búlgaro, maltês e em muitas outras línguas que nos são próximas geograficamente mas que conhecemos mal e que ainda não estavam representadas na coleção sonora da *Encyclopédie de la Parole*. Constituímos, então, um grande “colégio” de correspondentes em todas as línguas da União Europeia (coordenado por Elise Simonet, Valérie Louys e Marion Siéfert) e pedimos a cada um deles para nos enviar palavras que não tinha vontade de ouvir, em todos os tipos de situações sugeridas por nós ou outras que eles propuseram espontaneamente. O conjunto dos documentos recolhidos é o resultado deste processo de inquérito. Mas não tentamos fazer um retrato da Europa nos dias de hoje. Cada documento não é representativo do país de onde vem e o conjunto não pode nunca querer representar a União Europeia no seu todo. Não faz sentido, com apenas 26 palavras, ter a pretensão de poder representar um continente com



mais de 500 milhões de habitantes! Trata-se antes de uma expedição um pouco cega, com encontros e acasos.

No final, o que resulta deste encontro entre palavras desagradáveis e músicas em cima de um palco?

PYM O dispositivo da música cria uma distância em relação ao conteúdo das palavras, mas essa distância não amacia a violência do que é dito. Desarmar a rejeição espontânea que temos perante estes discursos permite-nos olhar de frente essas palavras que não queremos ouvir e que são parte do nosso mundo, quer queiramos quer não.

A capacidade de ouvir o outro é, ainda, o mais importante, mesmo com este tipo de palavras?

JL Sim, penso que a liberdade de expressão deve ser acompanhada de um dever de ouvir, em particular os discursos que nos deixam pouco à vontade, nos quais não nos podemos reconhecer. Nas eleições americanas, acusámos bastante as redes sociais de fechar as pessoas numa bolha onde só recebiam a informação que já queriam receber. Acredito que temos o dever de não ouvir só as coisas que nos agradam e de também ouvir aquilo que nos chateia ou nos desagrada. O que tentámos fazer com *Suite N.º3* foi precisamente criar um quadro, uma distância, que permitisse ouvir aquilo que não queríamos ouvir. De representar isso, no sentido mais clássico, para o perceber e o compreender de uma forma diferente.

9 e 10 fev
**ENCYCLOPÉDIE
DE LA PAROLE**
SUITE N°3
'EUROPE'
JORIS LACOSTE
PIERRE-YVES MACÉ

Sexta e sábado, 21h

Sala Luis Miguel Cintra; m/12

€12 a €15 (com descontos €5 a €10,50)

Duração (aprox.): 1h30

Conceção: Encyclopédie de la parole;
Composição e direção: Joris Lacoste;
Composição e música: Pierre-Yves Macé;
Elenco: Bianca Iannuzzi, Laurent Deleuil e
Denis Chouillet (piano); Colaboração artística:
Elise Simonet; Coreografia: Lenio Kaklea;
Cenografia e desenho de luz: Florian Leduc;
Som: Stéphane Leclercq; Figurinos: Ling Zhu;
Professor de canto: Vincent Leterme; Técnica
vocal: Valérie Philippin; Estagiário: Yvan
Loiseau; Tradução – gestor de projeto: Marie
Trincaretto; Texto em inglês: Julie Étienne;
Idiomas: inglês, francês, holandês, alemão,
português, húngaro, espanhol, polaco,
croata, dinamarquês, maltês, italiano, romeno,
checo, eslovaco, finlandês, búlgaro, sueco,
grego, estónio, letão, lituano, esloveno

Estreia: Théâtre Garonne – Scène européenne,
Toulouse, 10 de outubro de 2017

Coordenadores de pesquisa: Joris Lacoste,
Valérie Louys, Marion Siéfert, Elise Simonet;
Convidados para a pesquisa de arquivos:
Christa Antoniou (CY), ZsoltBoros (HU), Tamara
Bracic Vidmar (SL), Rita Bukauskaite (LIT),
Ida Daniel (BUL), Milena Ilieva (BUL), Pierre
Daubigny (POL), Ania Szczepanska (POL),
Glen Falzon (MT), Antoine Cassar (MT),
Nicole Genovese (FIN), Kim Jeitz (LU),

Geneviev Leyh (ENG), Lenka Luptakova (SK),
Shane Mansfield (GLA), Barbara Matijevic (HR),
Olivier Van Nooten (NL), Daniel Naami (NL),
Federico Paino (IT), Ruta Pakalne (LV), Alise
Bokaldere (LV), Birgit Peeters (BE), Tomás
Pereira Ginet-Jaquemet (ES), Sergiu Popescu
(RO), David Roenner (SE), Brigitte Schema
(AT), Soren Stecher-Rasmussen (DK),
Maia Means (DK) e Sotiris Vasiliu (GR);
Agradecimentos: Nikola Bencova (CZ), David-
Alexandre Gueniot (PT), Patricia Almeida (PT),
Anneke Lacoste (NL), Nuno Lucas (PT),
Marie Pullerits (EST), Raquel Rodrigues da
Costa Gomes de Sousa (PT); Parceiros de
laboratórios de pesquisa: Teatro Municipal
do Porto, Baltoscandal Festival (Rakvere);
Professores de línguas: Kim Andringa, Zsolt
Boros, Rita Bukauskaite, Pierre Daubigny,
Nicole Genovese, Hanna Hedman, Milena
Ilieva, Lénio Kaklea, Nuno Lucas, Christa
Antoniou, Shane Mansfield, Barbara Matijevic,
Nele Suisalu, Bara Prochaskova, Sergiu
Popescu, Sarka Vancurova e Ania Szczepanska

Produção Echelle 1:1 (com o apoio do
Ministère de la Culture et de la
Communication/ DRAC Ile-de-France)
em parceria com Ligne Directe

Coprodução: Kunstenfestivaldesarts
(Bruxelas), Théâtre de la Ville – Paris, Festival
d'Automne à Paris, La Comédie de Reims
– CDN, São Luiz Teatro Municipal/ Festival
Alcantara (Lisboa), Festival NEXT / Le phénix
scène nationale Valenciennes pôle européen
de création, Théâtre Garonne – Scène
européenne (Toulouse), Festival Baltoscandal
(Rakvere), Gothenburg Dance and Theatre
Festival, L'Apostrophe – Scène nationale Cergy

Com o apoio do Instituto Francês em Paris,
Ville de Saint-Denis – Conservatoire de
Musique et de Danse and Nanterre-Amandiers
– Centre Dramatique National

Suite N°3 é coproduzido com o apoio
de NXTSTP e European Union's Cultural
Programme

O Bilhete Suspenso nunca esgota. Saiba mais em bilheteira@teatrosaoluiz.pt/ 213 257 650

São Luiz Teatro Municipal Direção artística Aida Tavares; Direção executiva Joaquim René; Programação Mais Novos Susana Duarte; Adjunta direção executiva Margarida Pacheco; Direção de produção Tiza Gonçalves (Diretora), Andreia Luis, Bruno Reis, Margarida Sousa Dias; Direção técnica Hernâni Saúde (Diretor), João Nunes (Adjunto); Iluminação Carlos Tiago, Ricardo Campos, Sara Garrinhas, Sérgio Joaquim; Maquinistas António Palma, Cláudio Ramos, Paulo Mira, Vasco Ferreira; Som João Caldeira, Gonçalo Sousa, Nuno Saias, Rui Lopes; Responsável de manutenção e segurança Ricardo Joaquim; Direção de cena Marta Pedroso (coordenadora), José Calixto, Maria Távora, Ana Cristina Lucas (Assistente); Direção de comunicação Elsa Barão (Diretora), Gabriela Lourenço, Nuno Santos; Relação com públicos Mais Novos Inês Almeida; Bilheteira Ana Ferreira, Cristina Santos, Soraia Amarelinho